

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC**

BEATRIS SILVA DE DEUS

**NARRATIVAS PERIFÉRICAS: O COTIDIANO DO ENTORNO DE BRASÍLIA A
PARTIR DAS MARGENS**

BRASÍLIA

2022

BEATRIS SILVA DE DEUS

**NARRATIVAS PERIFÉRICAS:
O COTIDIANO DO ENTORNO DE BRASÍLIA A PARTIR DAS MARGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do
título de bacharelado em Jornalismo apresentado à
Universidade de Brasília — UnB.

Orientador: Gustavo de Castro

BRASÍLIA

2022

BEATRIS SILVA DE DEUS

**NARRATIVAS PERIFÉRICAS:
O COTIDIANO DO ENTORNO DE BRASÍLIA A PARTIR DAS MARGENS**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do
título de bacharelado em Jornalismo apresentado à
Universidade de Brasília — UnB.

Orientador: Gustavo de Castro

BANCA EXAMINADORA

Orientador

1º Examinador

2º Examinador

Suplente

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

Sentimentos, reflexões e bagagens. Nestas páginas, as narrativas de Ana Lúcia, Priscila e Rute foram sintetizadas, unindo-se, a fim de oferecer mais uma perspectiva, uma de tantas, sobre as mulheres periféricas. À elas, um muito obrigado sincero.

RESUMO

No entorno de Brasília concentram-se narrativas que, em alguns casos, se assemelham no constante enfrentamento ao preconceito e à marginalização relacionados à classe social, gênero e raça. Ao enfatizar esses três aspectos, contextualizando-os no Gama e Santa Maria, ambas regiões administrativas do DF, a presente pesquisa conversa com as histórias de Ana Lúcia Gomes, 37, Priscila Assunção, 30 e Rute de Deus, 57. A fim de refletir o cenário em que elas estão inseridas e registrar as suas experiências, entrelaçadas a aspectos políticos, sociais e culturais, inerentes à construção de Brasília e à criação das regiões administrativas do DF.

Palavras-chave: Mulheres, marginalização, construção de Brasília, Regiões Administrativas do DF.

ABSTRACT

In the surrounding of Brasilia narratives concentrated that, in some cases, resemble in the facing constant to prejudice and marginalization related the social class, gender and race. At emphasize those three aspects, contextualizing in Gama and Santa Maria, both regions administrative of DF, the present research talk with the stories of Ana Lúcia Gomes, 37, Priscila Assunção, 30 e Rute de Deus, 57. In order to reflect the scenario at that they are inserted and register the yours experiences, intertwined to aspects politicians, social and cultural, inherents the construction of Brasília and the creaction the off regions administratives of DF.

keywords: Women, marginalization, construction of Brasília, Regions Administratives of DF.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RA	—	Região Administrativa
DF	—	Distrito Federal
NOVACAP	—	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
CODEPLAN	—	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
PDAD	—	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio
OPAS	—	Organização Mundial de Saúde

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	— “Construção de Brasília - Esplanada dos Ministérios”	13
Figura 2	— “Pioneiros chegando a Brasília Fundo Novacap”	15
Figura 3	— “Arpdf/Caminhão transporta operários [...]”	16
Figura 4	— “Avenida comercial da Cidade Livre Fundo Novacap”	17
Figura 5	— “Arpdf/Vista aérea de casas na Cidade Livre Fundo Novacap”	18
Figura 6	— “Arpdf/Acampamento da Novacap”	19
Figura 7	—	20
Figura 8	— “Desenho do Plano Piloto, de Lucio Costa Fundo”	21
Figura 9	— “Arpdf/Os primeiros jornais chegavam a Brasília de avião”	23
Figura 10	—	24
Figura 11	—	25
Figura 12	—	26
Figura 13	— “Mapa de fazendas do Novo Distrito Federal”	27
Figura 14	— Priscila Jéssica ao lado de seus pais	38
Figura 15	— Priscila quando criança	40
Figura 16	— Rute de Deus, quando criança	46
Figura 17	— Rute de Deus	47

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	10
3. JUSTIFICATIVA.....	11
4. PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS	11
4.1. <i>Objetivo Geral.....</i>	<i>11</i>
4.2. <i>Objetivos específicos.....</i>	<i>11</i>
Clarice Lispector.....	12
5. BRASÍLIA, CONSTRUÍDA PARA QUEM?	13
5.1. <i>Brasília noticiada nos jornais.....</i>	<i>22</i>
6. PERFIL DA POPULAÇÃO DO DF.....	27
Caetano Veloso	29
7. COTIDIANO PERIFÉRICO	30
Maya Angelou -	32
8. ANA LÚCIA	32
9. PRISCILA.....	36
10. CIDADE DE PERSPECTIVAS	42
11. RUTE.....	44
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50

1. APRESENTAÇÃO

No Brasil, as “minorias” se estabeleceram à margem dos grandes centros urbanos. Em Brasília, a história não se fez de forma diferente. Após a construção da “cidade planejada”, os trabalhadores que a ergueram foram “convidados” a se redirecionar para seu entorno, cujo conjunto, mais tarde, viria a ser denominado Regiões Administrativas.

O presente estudo aborda fragmentos do cotidiano de mulheres “comuns”, que residem em cidades periféricas do DF e que tendem a ser invisibilizadas por discursos homogêneos, fundamentados no olhar do “outro”¹ sobre a periferia e as pessoas que nela vivem. Nessa perspectiva, são retratadas, muitas vezes, de uma maneira estereotipada o que, por sua vez, abre espaço para equívocos mal-intencionados, (re)produzidos, incansavelmente, por pessoas que “desconhecem” a realidade social, política e econômica em que estão inseridas.

Nesse sentido, não raro, discursos tendenciosos, a respeito das mulheres negras periféricas, assumem enquadramentos extremos. Sobre esse assunto, a poetisa Maya Angelou (1978) registrou em seus versos:

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.²
(ANGELOU, 1978, (1-4)).

A fim de fomentar a discussão sobre o lugar de fala da mulher negra, em Brasília e seu entorno, o estudo *Narrativas Periféricas* aborda a relevância da mulher negra periférica e de suas narrativas, no contexto político, social e cultural brasileiro.

Ana Lúcia Gomes, 37, trabalha, atualmente, no setor de higienização hospitalar e reside com seu único filho em Santa Maria Sul, na mesma casa onde cresceu com suas três irmãs. Nesse cenário, a uma distância relativamente curta da casa de Ana, mora Priscila Jéssica Assunção, 30 anos de idade. Enfermeira há cerca de dois anos, cresceu pelas ruas de Santa Maria e hoje divide a casa com a sua mãe, Maria. No mesmo traço, próximo a Santa Maria, situa-se o Gama, lugar onde Rute, minha tia, foi criada por seus pais, José e Helena.

As três mulheres residem em cidades do entorno de Brasília e têm em comum trajetórias que fogem dos estereótipos vinculados a mulher negra, através de filmes, novelas, livros etc.

¹ Aqui, salvo especificidades, utiliza-se o termo “outro” partindo da noção de Ailton Krenak, presente em *O eterno retorno do encontro*.

² Tradução de *Still I Rise*, de Angelou, realizada pelo Portal Geledés.

Nesse sentido, os perfis evidenciam o esforço diário destas, para que suas ideias e opiniões sejam levadas a sério, em âmbito pessoal, acadêmico e profissional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A noção de “Outro”, de Ailton Krenak, em *O eterno retorno do encontro*, salvo distinções, está presente no desenvolvimento desta pesquisa, porque analisa a diversidade em solo nacional, sob o viés do diálogo, da troca de experiências.

De acordo com Krenak (1999), o “Outro” não é um inimigo, mas alguém que veio das mesmas raízes. Sob essa perspectiva, ao refletir sobre a relação dos povos indígenas, originais, com o homem branco, Krenak (1999) considerou assertivo:

[...] Só quando conseguirmos reconhecer essa diferença não só como defeito, nem como oposição, mas como diferença da natureza própria de cada cultura e de cada povo, só assim poderemos avançar um pouco o nosso reconhecimento do outro e estabelecer uma convivência mais verdadeira entre nós (KRENAK, 1999, p. 24-25).

Nesta pesquisa, ao trazer Krenak para o cenário periférico de Brasília, nos referimos ao outro como alguém que vive no centro geográfico e social do país. Daí a relevância do artigo *Violência Urbana: a vulnerabilidade dos jovens das periferias das cidades*, de Ferreira, Vasconcelos e Penna, que relacionam o distanciamento espacial das periferias, em relação ao centro, a acessibilidade socioeconômica das pessoas que vivem à margem.

Narrativas Periféricas visa, à sua maneira, dialogar com a força da mulher negra e as questões socioeconômicas políticas e culturais de sua realidade. A fim de facilitar o levantamento de informações sobre as personagens, e com o intuito de evitar que suas histórias fossem retratadas de forma superficial, as narrativas aqui presentes derivam de entrevistas realizadas individualmente com Ana Lúcia, Priscila Jéssica e Rute, em dias e horários distintos, de acordo com as suas respectivas agendas.

Todas as conversas presenciais com Rute, Priscila e Ana Lúcia foram gravadas (áudio) e checadas durante o processo de escrita. A abordagem das personagens se deu pelas redes sociais, mais especificamente o Facebook.

Dentre os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento do presente estudo, está a pesquisa bibliográfica, feita com o intuito de traçar um perfil atual das regiões do DF e compreender a sua origem. A coleta de dados foi executada por meio de entrevistas semiestruturadas e informais presenciais.

Foram registradas aqui, a perspectiva dessas mulheres, apoiadas no que estas gostariam de compartilhar sobre si, sem prender-se a estrutura das perguntas previamente elaboradas. As personagens decidiram até que ponto estavam prontas para compartilhar. Aspecto que se estendeu também às fotografias. Ana Lúcia Gomes, por exemplo, a fim de preservar a sua privacidade, optou por não apresentar fotografias de si mesma e não compartilhar o nome de suas irmãs.

3. JUSTIFICATIVA

Problemáticas sociais que seriam pouco aprofundadas ou em casos mais extremos, sequer mencionadas, em alguns veículos jornalísticos, encontram suporte em pesquisas acadêmicas, que se estabelecem como um espaço para discorrer sobre assuntos que merecem análise e reflexão, e que talvez não cumpram certas características exigidas pelas redações jornalísticas.

4. PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Como é o cotidiano das mulheres negras que residem no entorno de Brasília, apesar da marginalização histórica a que são submetidas?

4.1. Objetivo Geral

Estabelecer, através das respectivas histórias registradas nesta pesquisa, a relevância social, política e cultural das mulheres negras periféricas que residem em Santa Maria e Gama.

4.2. Objetivos específicos

1. Resgatar por meio de entrevistas, histórias que marcaram as personagens, a fim de montar um quadro não estereotipado, de suas experiências,
2. Promover a reflexão e registro de narrativas sobre “mulheres comuns” que têm suas histórias entrelaçadas a aspectos políticos e socioculturais determinantes do século XXI.

“Brasília é construída na linha do horizonte. –
Brasília é artificial. Tão artificial como devia
ter sido o mundo quando foi criado.”

Clarice Lispector³

³ *Nos primeiros começos de Brasília* – Crônica publicada no *jornal de Brasília*, em 20 de junho de 1970. Retirada do portal da crônica brasileira.

5. BRASÍLIA, CONSTRUÍDA PARA QUEM?

Ao mesmo tempo em que é aconchegante para uma pequena parcela da população, Brasília, em alguns momentos, se revela fria para as “pessoas comuns”. É uma cidade azul quando encarada a partir do seu centro. Todavia, se vista de uma perspectiva mais periférica, mostra-se cinza, distante, quase nunca apoiada no presente.

Em *Além do Plano: a construção das cidades-satélites e a dinâmica centro-periferia em Brasília*, ao atentar-se a esta dicotomia, inerente a história da cidade, mais especificamente a formação das cidades-satélites, Derntl (2016) argumenta que a inexistência de planos, no período de sua idealização e formação, não é o bastante para compreender a criação destas cidades periféricas.

No decorrer de seu artigo, Derntl (2016) enfatiza a importância de compreender a ordem em que foi construída Brasília, cujo centro se ergueu após a formação das cidades-satélites. Afinal, "A capital seria erguida em área escassamente povoada e de difícil acesso [...]" (DERNTL, 2016, p. 370).



Figura 1 — “Construção de Brasília - Esplanada dos Ministérios”

Legenda e foto - Fonte: IPHAN

No que toca a problematização e análise da construção da cidade, em artigo veiculado pela *Revista Acrópole* de 1960, nº 256, Wilhelm (1960) aborda criticamente a construção de Brasília e a posterior marginalização dos homens e mulheres que ajudaram a erguer a capital.

Estima-se em 100.000 habitantes a população de Brasília, a quase totalidade vivendo em habitações provisórias; para onde irão? Nota-se a tendência imediatista de afastá-los da Capital criando agrupamentos satélites; neste sentido, já existe a vila Taguatinga. Esta tendência parece-nos pelo menos apressada e reflete uma política de avestruz: escamotear o problema de habitação popular, nada “glamurosa”, afastando-a de Brasília para não afetar a limpidez do plano original! (WILHEIM, 1960, p. 30).

A fomentação do progressismo utópico, que acompanhou a construção da cidade, também é discutida no artigo *Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília*, por Rodrigues (1990) que, por sua vez, problematiza os valores defendidos, à época, pelo próprio presidente Juscelino Kubitschek:

Não importava a que preço, e quais os ‘sacrifícios’ que seriam exigidos. Se a construção de Brasília significaria maior endividamento do país, inflação, maior concentração de riquezas pelos empresários que se beneficiaram com as obras e se, por sua causa, muitos operários morriam. Não importava. Como diria Juscelino anos depois, “o importante, numa batalha, não são os mortos e os feridos mas a praça conquistada” (46). Tratava-se de uma batalha, a do desenvolvimento, cujo front encontrava-se em Brasília. (RODRIGUES, 1990, p.20).

Sobre os primeiros passos rumo a concretização da famigerada capital, Derntl (2016) expõe: “Nos últimos meses de 1956, iniciaram-se as instalações da sede da NOVACAP, acrônimo para Companhia Urbanizadora da Nova Capital, empresa estatal subordinada diretamente ao Presidente, encarregada de planejar e executar as obras” (DERNTL, 2016, p. 370).



Figura 2 — “Pioneiros chegando a Brasília Fundo Novacap”

Legenda e foto - Fonte: Arquivo Público do DF



**Figura 3 — “Arpdf/Caminhão transporta operários para obra Fundo Novacap –
Arquivo Público do DF (8)”**

Legenda e foto - Fonte: Arquivo Público do DF

Acerca da NOVACAP, a pesquisadora pontua ainda que “Suas instalações compreendiam área para alojamento de seus trabalhadores, a Candangolândia (Fig.2), e área para comércio e serviços fornecidos pela iniciativa privada, a chamada Cidade Livre ou Núcleo Bandeirante.” (DERNTL, 2016, p. 370).



Figura 4 — “Avenida comercial da Cidade Livre Fundo Novacap”

Legenda e foto - Fonte: Arquivo Público do DF



Figura 5 — “Arpdf/Vista aérea de casas na Cidade Livre Fundo Novacap”

Legenda e foto - Fonte: Arquivo Público do DF



Figura 6 — “Apdf/Acampamento da Novacap”

Legenda e Foto - Fonte: Arquivo Público do DF



ARQUIVO PÚBLICO DO DF
NOV.04.04.B.01 Nº 76
CONTEÚDO: VISTAS DA CIDADE
LOCAL: CANDANGOLÂNDIA-DF DATA: [1957-1960]
AUTOR: NÃO IDENTIFICADO

Figura 7

Fonte: Acervo Público do DF

Ainda sobre o referido tema, Gusmão (2019), em seu artigo *História do cotidiano de Brasília: “experiência” e resistência dos candangos na construção da nova capital (1959-1961)*, reitera que:

“Não por acaso, a versão oficial escrita por JK (1975, p. 79), segundo a qual ‘Brasília nascia, de fato, sob o signo da comunhão social’, deixou de lado outro tema controverso, obscuro e praticamente desconhecido: os candangos que ajudaram a construir a cidade não puderam morar nela e foram empurrados para o que se convencionou chamar de ‘cidades satélites’” (GUSMÃO, 2019, p.33).

Considerando estes aspectos sobre a construção de Brasília, nota-se que o discurso oficial se restringiu a figuras de renome, como por exemplo, o presidente Kubitschek, o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa “[...] a quem se pode associar a grandiosidade da arquitetura, o urbanismo inovador e o simbolismo de um **país que se pretendia moderno**[...]” (GUSMÃO, 2019, p.33, grifo nosso).

Alves (2005), em sua obra, resume os ideais que influenciaram a construção de Brasília, da seguinte forma: “Fundada em 1960, ela foi concebida como a representação utópica de uma ideologia capitalista, tradutora de um pensamento poético de grandiosidade e monumentalidade.” (ALVES, 2005, p. 11).

Ao recapitular um pouco a história do país, a fim de contextualizar os motivos para construção de Brasília, Alves (2005) explica que para entender a nova capital faz-se necessário, antes, enxergá-la como progressista. “[...] Vista do sertão goiano, já no governo de Café Filho, a nova capital traria mais fé e confiança ao nosso povo, em virtude das perspectivas abertas e do anseio otimista de conquistar o solo brasileiro” (ALVES, 2005, p. 12).

No artigo *Construção de Brasília: a identidade de uma nação*, Moraes, Verginaci e dos Anjos (2016), segundo Andrade (2005), defendem que

[...] os ideais modernistas ao longo dos anos se tornaram autoritários em território nacional, culminando na construção da Capital Federal, Brasília. A Capital representa o poder político da nação brasileira, sendo a mesma projetada pelos nomes mais conhecidos do movimento moderno brasileiro [...] (ANDRADE, 2005 apud MORAES, VERGINACI e dos ANJOS, 2016, p. 4).

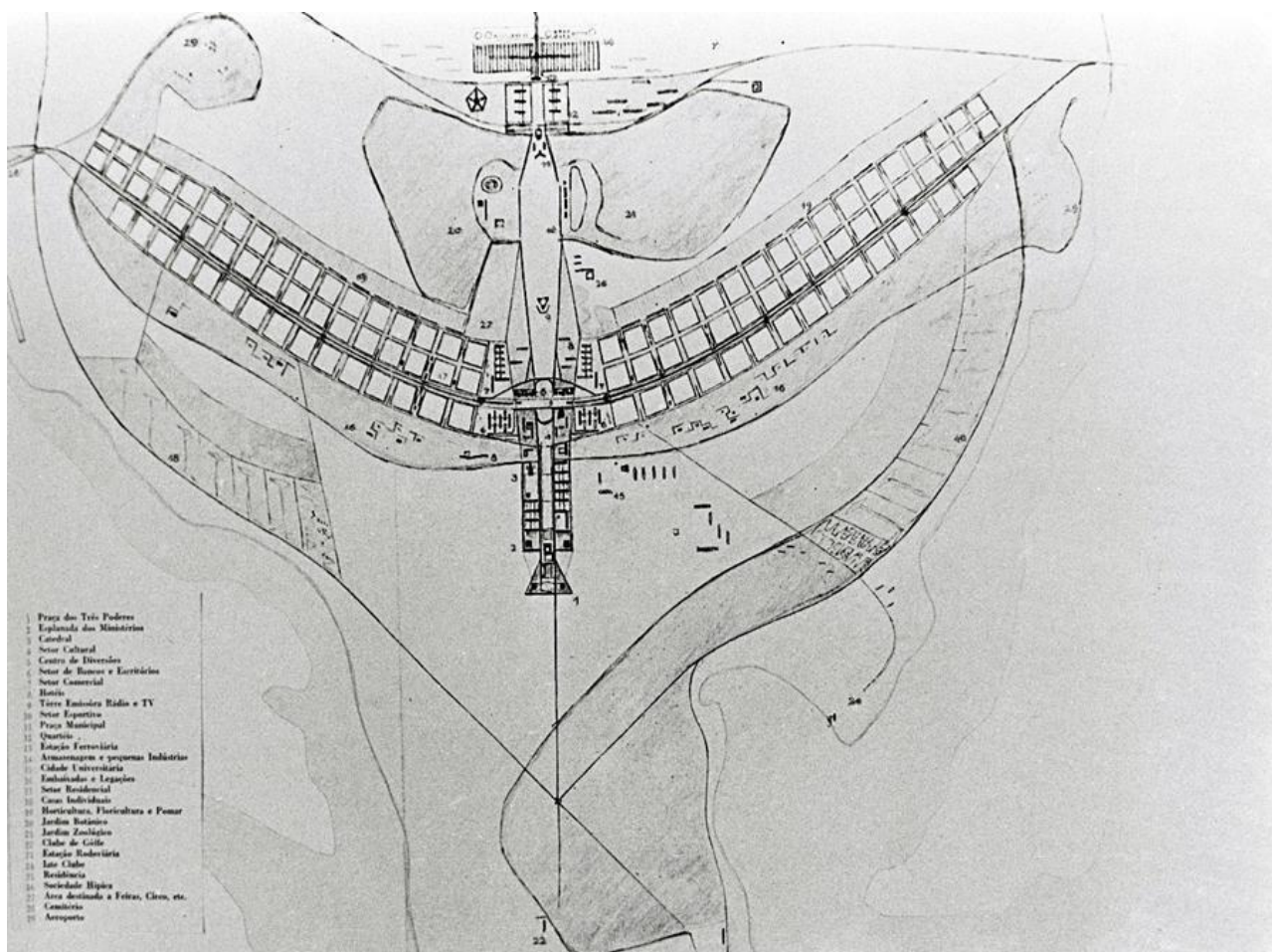


Figura 8 — “Desenho do Plano Piloto, de Lucio Costa Fundo”

Desenho e legenda - Fonte: Arquivo Público do DF

A esse respeito, Alves (2005), ao mencionar Amaral (2003), defende que “Para o país, segundo Amaral (2003, p.303), a implantação de Brasília significou a abertura de um novo pólo de desenvolvimento e conquistas no Centro-Oeste, que possibilitou ampliar a comunicação entre regiões distantes, que teriam na capital um ponto de encontro” (AMARAL 2003 apud ALVES, 2005, p. 12).

A construção de Brasília, de certo, dividiu opiniões. Os mais otimistas observaram com admiração os esboços que pareciam trilhas, sem desvios, em direção ao progresso. Já os mais pessimistas viram-na de imediato como a imagem e semelhança de outras regiões do país, fundamentadas, historicamente, em promessas vazias, a serem concretizadas em um futuro distante, que de tão inalcançável seria frutífero para todos os “filhos deste solo”.

5.1. Brasília noticiada nos jornais

A construção de Brasília mobilizou diversos setores da sociedade. Um deles foi a imprensa que, através de suas matérias e declarações, ajudou a fomentar a imagem do que viria a ser o progresso na nova capital do país.

De acordo com Rodrigues (1990):

Ao longo da construção da cidade, a NOVACAP empreendeu ações no sentido de se antecipar aos opositores que criticavam a transferência da capital. Para isso mantinha contratos de publicidade com vários órgãos de imprensa, com matérias pagas, sem que o leitor fosse indicado que se tratava de publicidade” (RODRIGUES, 1990, p. 72).



Figura 9 — “Arpdf/Os primeiros jornais chegavam a Brasília de avião”

Foto e legenda - Fonte: Arquivo Público do DF

Todos, no país, observavam Brasília admirados e pareciam concordar com o seu avanço iminente, pelo menos é o que os jornais faziam parecer em matérias extensas sobre a nova capital. Seguindo esta tendência, em edição comemorativa, o jornal *Estado de Minas*, dos Diários Associados, ao referir-se a nova capital, publicou elogioso: “Brasília amanhece” (*Estado de Minas*, [s.a], [s.d.] apud *History Channel*).



Figura 10

Fonte: Histoy Channel Brasil

O apelo voltado ao público brasileiro, para que este enxergasse Brasília como o símbolo de desenvolvimento do país, pode ser notado também na declaração lisonjeira do *Correio Braziliense* a cidade, disponibilizada pela *History Channel Brasil* (2018): “O presidente Juscelino Kubitschek tinha seus olhos marejados de lágrimas, enquanto a emoção silenciava a enorme multidão, que compreendia que uma nova era se abria para os destinos do país” (*Correio Braziliense* apud *History Channel Brasil*, 2018).



Figura 11

Fonte: History Channel Brasil

A Folha de S. Paulo também não poupou elogios a Brasília. Segundo o History Channel Brasil (2018), noticiou: “Brasília, a mais moderna cidade do mundo, converte-se na manhã deste 21 de abril de 1960 na capital do Brasil” (Folha de S. Paulo apud History Channel Brasil, 2018).



Figura 12

Fonte: Histoy Channel Brasil

Assim como alerta Rodrigues (1990), através destes três exemplos nota-se o teor publicitário destas produções “jornalísticas”. Nitidamente, estes conteúdos derivam dos laços estreitos entre o poder político, oficial e a imprensa. À vista disso, os lados dissonantes da mesma história, a respeito de Brasília e sua construção, foram invisibilizados. Tendência essa que permanece viva em alguns jornais, ao retratar o entorno da capital federal, rechaçando discursos críticos, na mesma proporção em que utilizam, como entretenimento, os infortúnios e lamentações do povo, criminalizando-o por sua própria situação socioeconômica.

6. PERFIL DA POPULAÇÃO DO DF

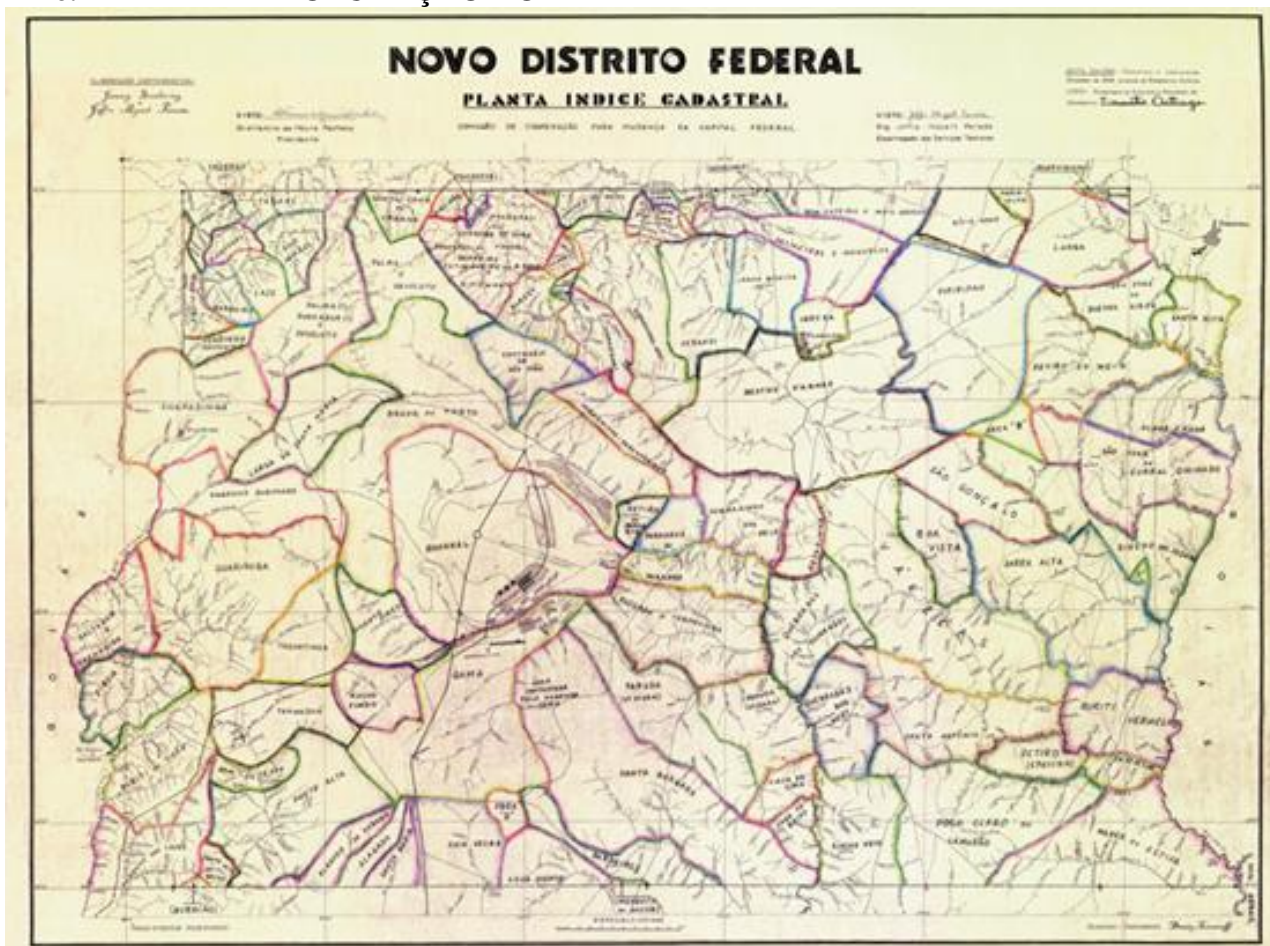


Figura 13 — “Mapa de fazendas do Novo Distrito Federal, desenhado por Mercedes Parada, esposa do engenheiro Jofre Parada, assistente de Bernardo Sayão e engenheiro-chefe da Divisão de Topografia Urbana da Novacap. Apesar de parte significativa dos mapas ter sido desenhada por Mercedes Parada, em nenhum deles consta sua assinatura. Coleções – Projeto Documentos de Goyaz – Acervo Altamiro de Moura Pacheco – Arquivo Público do DF”.

Mapa e Legenda - Fonte: Arquivo Público do DF

De acordo com dados disponibilizados pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), utilizando como fonte a *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (2021)*, a população do Distrito Federal é de 3.010.881. Mais da metade dessa população, 57,36%, é composta por pessoas que se identificam como negros ou pardos.

Sobre a porcentagem de pessoas que residem nas Regiões Administrativas do DF (RAs), "a população negra encontra-se em maior proporção nas Regiões Administrativas dos grupos de RAs de renda baixa (69,6%) e média-baixa (66,6%)" (DIPOS/ Codeplan, 2020, p. 14). "As RAs são agrupadas em quatro grupos, seguindo os critérios de renda média de cada Região

Administrativa." (DIPOS/ Codeplan, 2020, p. 12), são eles: renda alta, média alta, média baixa e baixa. Santa Maria, região administrativa do DF, faz parte do grupo de RAs de renda média-baixa.

A cidade foi estabelecida a partir do "Decreto 14.604 de 10 de fevereiro de 1993", por Joaquim Domingos Roriz (1936 - 2018) que cumpriu quatro mandatos como governador do DF. No período de 1988 a 1990 foi nomeado por José Sarney, à época presidente da República. Como governador eleito, cumpriu mandatos em 1991-1995; 1999-2003; e 2003-2006.

De acordo com Quarti e Correia, através do Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Roriz "[...] Durante seu governo adotou a política de distribuição de lotes para os chamados “descamisados” de Brasília, a começar por Samambaia, cidade-satélite construída por ele nesse período.” (QUARTI; CORREIA, [s.d.]). Quarti e Correia lembram também que, como estratégia política, Roriz moveu cerca de 300 mil pessoas para o entorno de Brasília, ao distribuir, para esta parcela da população, “lotes padronizados”. Segundo as autoras, “Essa ofensiva no coração da cidade teve um duplo sentido: ganhar a simpatia dos eleitores da classe média, que se livraram do incômodo convívio com a miséria, e dos próprios removidos, que sempre acalentaram o sonho da casa própria [...]" (QUARTI; CORREIA, [s.d.]).

Atualmente, segundo a Codeplan, Santa Maria conta com aproximadamente 130.970 habitantes. Destes, 48,02% são homens e 51,98%, mulheres. Do número total de cidadãos, que residem em Santa Maria, 65.43%, ou seja, a maioria, se consideram pretos ou pardos, característica que também se estende a outras cidades periféricas do DF, como por exemplo o Gama, região próxima a Santa Maria, que de seus 137.331 habitantes, 56,83% se identificam como negros ou pardos.

“Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos Mutantes”

Caetano Veloso⁴

⁴ Música Sampa, de Caetano Veloso, faz parte do álbum *Muito - Dentro da Estrela Azulada*, de 1978. Letra disponibilizada em *letras*.

7. COTIDIANO PERIFÉRICO

Nem só de dor e promessas é feita uma cidade periférica. Santa Maria -DF, situada a aproximadamente 26 km de Brasília, não é uma exceção à regra. Historicamente retratada em preto e branco por discursos tendenciosos, o vermelho do sangue de seus filhos entretém quem vê de longe.

Narrativas deturpadas, simplificadas, resumidas a meros conflitos periféricos não abarcam a complexidade de quem reside à margem do tão aclamado progresso. Acerca desta marginalização espacial e social, Ferreira, Vasconcelos e Penna (2008, p.4), em *Violência Urbana: a vulnerabilidade dos jovens das periferias das cidades*, reforçam que “Quem tem mais dificuldade de acesso às oportunidades do ponto de vista social fica mais afastado delas do ponto de vista espacial [...]”(FERREIRA; VASCONCELOS; PENNA, 2008, p. 4).

Upile Chisala, nascida em Malawi, em um de seus poemas que fazem parte da coletânea *Eu destilo melanina e mel*, enfatiza: “[...] Quando o sangue negro corre, / o sistema não chora.” (UPILE CHISALA, [2019] 2020, p. 23). Sobre este tema, Mielke (2017), no estudo *Negros e mídia: invisibilidades*, discorre sobre o racismo (re)produzido pelos veículos de comunicação de massa no Brasil, da seguinte forma:

Nas matérias de cotidiano, que pautam família, educação, transporte, saúde, moradia etc., quase nunca os negros são personagens das situações ordinárias. Contraditoriamente, estão sempre estampando os cadernos policiais e as imagens deletérias dos programas policiais que promovem autoritarismo na TV, associando violência, pobreza e negritude (MIELKE, 2017).

Nas narrativas sobre a periferia, percebe-se um julgamento apressado que invisibiliza o outro lado, mais especificamente, o lado à margem que não é narrado nos jornais. Neste lugar comum, boa parte dos dias se revelam como nas demais cidades, sem nada excessivamente extraordinário ou sombrio a ser noticiado.

Apesar das injustiças sistêmicas que percorrem o tempo, como o racismo e a desigualdade social, o começo da manhã em Santa Maria possui, assim como qualquer outro espaço à margem, poesias “esquecidas” que vivem nas entrelinhas, nos detalhes dos pés descalços sobre o asfalto quente, no sorriso das crianças que correm de um lado para o outro, na fala ansiosa dos jovens e principalmente no orgulho do cansaço de um dia bem vivido.

Ônibus, carros de som, crianças brincando, samba, rock, rap, pagode. Sons ecléticos entoam o dia a dia da periferia. Neste universo, em meio às quadras, jovens negros por vezes se confundem, oprimidos, em meio a contradição de uma sociedade que adultiza crianças,

marginalizando-as desde cedo por sua cor de pele e classe social. Neste cenário real, antes das 5h da manhã, quando ainda está escuro, a cidade desperta. Olhares sempre atentos, não há espaço para distrações. Em meio a essa pressa periférica, o dia a dia de quem vive em Santa Maria se estende. A realidade chama e quando ela o faz não é possível viver apenas de promessas, de planos futuros.

“Eu digo,
É o fogo nos meus olhos
Os dentes brilhantes,
O gingado da cintura
Os passos vibrantes
Eu sou mulher
De um jeito fenomenal
Mulher fenomenal:
Assim sou eu” (21-29).

Maya Angelou -

Traduzido por Rita Cammarota⁵

8. ANA LÚCIA

⁵ Versos do Poema *Phenomenal Woman*, de Maya Angelou.

Em Santa Maria, as tardes de sábado, mesmo quando felizes, tendem a ser nostálgicas. A saudade idealizada ou não, do tempo que se foi, persiste na conversa dos embriagados que tropeçam sem querer em si mesmos, nas risadas e nas piadas internas entre amigos de infância, e até mesmo nas cenas corriqueiras que se repetem a cada geração. Neste dia específico da semana, o tempo, sem aviso prévio, embaralha o presente e o passado, por vezes fazendo dos distraídos reféns de seus próprios devaneios.

Filha de Francisco e Francisca, Ana Lúcia Gomes, 37 anos, nascida em 1985 no Rio Grande do Norte, veio ainda criança para o DF. Atualmente reside com seus pais e seu único filho de nove anos de idade, Saulo, em uma casa de esquina, em Santa Maria, cidade onde cresceu com suas três irmãs. Apesar de não se apegar a datas, Ana Lúcia não costuma emaranhar sua linha do tempo, divide bem o passado e o presente. Constantemente imersa em seus próprios sentimentos, remexe em suas emoções, numa busca inquieta e constante por si mesma.

À parte seus próprios dilemas internos, em um cômodo protegido por paredes sólidas, a mulher de estatura baixa, cabelos escuros e sorriso contido, enfim, revisita outras versões de si mesma. Se percebe com cuidado, como quem gasta alguns minutos reconhecendo uma amiga querida que não vê há tempos. Incerta se sua história realmente daria um livro, progressivamente dá ordem às suas recordações e pensamentos que se tornam quase tangíveis, na medida em que são proferidos.

No compasso de sua fala tranquila, caminha entre às suas lembranças, evitando, deliberadamente, se aprofundar em momentos dolorosos ou mais íntimos de sua vida que insistem em aparecer nos espaços em branco, nas lacunas de suas declarações. Assim, de maneira sutil, porém densa, as memórias de Ana Lúcia tomam forma, adequando-se à dimensão de seu quarto.

Nem a música alta do bar rua acima e nem o barulho do tráfego da Avenida Alagados distraem a mulher de lembrar-se de si mesma, de quem foi décadas atrás. Desta forma, ao referir-se a gravidez de seu único filho, foi sucinta: “As pessoas não estão preparadas para uma mãe solteira”. Para ela, ser mãe aos 27 anos influenciou significativamente o seu crescimento como pessoa. “O Saulo é um desafio. A cada dia, eu aprendo mais do que ensino. Ele é uma criança que veio para me ajudar a ser uma mulher diferente”, declarou emocionada.

No que diz respeito a sua vida acadêmica, Ana Lúcia chegou a cursar Pedagogia e Secretariado. De acordo com ela, a dinâmica ensinar e aprender esteve presente em sua casa nas situações mais corriqueiras do dia a dia. “A minha terceira irmã, eu que ajudei na

alfabetização dela. Ela já era inteligente e quando entrou na escola aprendeu as coisas muito rápido, devido a gente brincar”, comentou orgulhosa.

A rotina de Ana Lúcia, enquanto cursava Pedagogia, era “corrida”. Como milhares de estudantes que residem em cidades periféricas, precisou encontrar maneiras de complementar a sua renda, a fim de continuar com seus estudos. “Nessa primeira faculdade [Pedagogia], que era semipresencial, para eu pagar minha passagem para ir às aulas nos dias de sábado, eu comecei a fazer bombom. Eu me identificava bastante com esse curso, mas desisti no meu estágio obrigatório. A pedagogia não era muito a minha praia não”, constatou Ana Lúcia.

Com o intuito de se estabelecer em uma nova profissão, seguiu com o curso de Secretariado. “Eu gostava muito [Secretariado], mas eu fiquei um pouco desmotivada na época. É uma área muito concorrida, por isso eu não quis voltar e fiquei um tempo parada, mas logo em seguida veio a pandemia...”, declarou pesarosa.

Diante da pandemia de Covid-19 e suas consequências, Ana Lúcia precisou reformular seus planos. Desta forma, a fim de garantir o sustento de sua família, passou a trabalhar no setor de higienização hospitalar. “Antes já era difícil emprego e na pandemia ficou pior. Eu não consegui voltar para minha área”, afirmou. Apesar da dificuldade em encontrar emprego, Ana Lúcia pretende retornar para o Secretariado: “Hoje é mais complicado para poder retornar, mas eu acredito que vai dar certo”.

A respeito da pandemia e suas consequências, em âmbito periférico, Leonardo Fontes (2020), em *Pandemia, crises e periferia*, analisa:

Com a pandemia de Covid-19, as desigualdades brutais que sempre marcaram a sociedade brasileira se tornaram ainda mais evidentes, bem como a ausência do Estado em áreas cruciais que poderiam mitigar ou evitar parte desses problemas. Um olhar atento para essas populações faz-se necessário para construir políticas públicas mais adequadas e aproveitar o enorme potencial presente nessas regiões (FONTES, 2020).

Carlos Drummond de Andrade enfatizou em seus versos: “*No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho*” (1-2). Acerca dessas pedras, Ana Lúcia busca contorná-las de forma otimista: “Eu acho que toda experiência, mesmo dolorida, é um aprendizado. Eu procuro ser mais positiva. Se eu não for positiva por mim quem é que vai ser? Então tem que ser eu, tem que partir de mim primeiro”, considerou confiante.

Apesar do otimismo, naqueles dias mais longos que os outros, onde nos deparamos com a inflexibilidade de nossas próprias escolas e passamos a duvidar das nossas maiores certezas, a solidão se apresenta como uma escolha difícil e até mesmo incerta. Entretanto, a mesma

solidão que provoca nostalgia em Ana Lúcia, também lhe trouxe autoconhecimento, ensinando-a a reconhecer seus limites e as suas próprias necessidades.

Em contraponto a sua personalidade juvenil, Ana Lúcia ressalta que hoje não tem receio de se posicionar diante de uma convicção: “Antes eu era influenciável, em relação a tudo. É por isso que hoje eu sou assim: prefiro ficar só. Às vezes eu sinto saudade de certas pessoas, de certas situações, mas hoje eu vejo que estou bem melhor. Hoje eu sou centrada e costumo ter uma postura”, afirmou, nitidamente orgulhosa de seu aprendizado.

“Uma vez eu fui até dura com uma amiga minha, falei assim: Hoje eu só faço o que eu quero. Não adianta a pessoa falar. Se eu não quiser, eu não vou fazer, não adianta”, concluiu Ana Lúcia. Esta postura firme contrasta com o seu tom brando, ao contar sobre seus relacionamentos mais difíceis: “Com cada pessoa que passou pela minha vida eu aprendi alguma coisa, de bom ou de ruim, mas eu aprendi”, refletiu.

Nesse sentido, ao falar sobre como é ser uma mulher negra, em contexto periférico, Ana Lúcia considera: “Não é tão fácil, ainda mais para nós mulheres, que temos que nos inserir no mercado de trabalho. É um desafio muito grande, mas eu tenho percebido que a gente tem ganhado força nesses últimos anos, estamos ganhando nosso espaço. A segurança aqui, há muito tempo não tem. Os governos que têm vindo, não sabem administrar isso bem. O comércio aqui cresceu muito, principalmente nessa pandemia, que a gente tem que se reinventar. Claro que o desemprego é um fato ainda bem intenso, mas também tem mudança. Tem vários cursos de qualificação, têm amigas minhas que fizeram curso de manicure, cabeleireira, o leque tá mais aberto. A minha expectativa ‘pro’ futuro é que melhore, que um governo venha fazer a diferença nessas áreas: emprego, educação, segurança e tudo”.

Houve um tempo em que Ana Lúcia gostava de dançar, hoje já não o faz. Seu gosto musical também mudou com o passar dos anos. Kid Abelha, Slipknot e Nickelback, uma banda para cada sentimento complexo que procura entender. Nesse ritmo, Ana Lúcia compreende bem a importância de não se apegar ao que já foi, ao modificar-se com frequência. Daí a sua palavra preferida, reconstrução.

9. PRISCILA

Em um bar de esquina, a conversa permanece agitada, já passa das 23h. Frenéticos, alguns dançam, já trocando os passos. Cambaleantes estendem a última dança, a fim de postergar ao máximo o domingo de descanso. À vista disso, o tempo, sempre soberano, escorre pelas quadras periféricas, atropelando, por querer, “planos infalíveis” rabiscados em guardanapos e o descanso justo de quem já não costuma sonhar com tanta frequência.

Diante desse protelar, uma coisa é certa, nesta cidade notívaga, a semana, em seu ciclo enfadonho, chega para todos, rechaçando delírios fantásticos, impondo-se aos mais relutantes. Nesses dias ingratos, que mais lhe tiram do que oferecem, Santa Maria se mostra fria, quase indiferente.

À vista disso, uma coisa é certa, esta é uma cidade jovem, tão jovem quanto Priscila Jéssica Assunção, 30 anos de idade. Filha dos maranhenses Maria Ribeiro e Antônio Nonato, Priscila definitivamente não é uma mulher de meias palavras. Intensa, aprendeu com a experiência que ninguém sabe mais de sua vida do que ela mesma. Formada em Enfermagem, hoje divide a casa onde cresceu com a mãe, em Santa Maria Sul.

Quando criança, Priscila não era de levar desaforo para casa, característica que a fez se meter em algumas confusões, embora não fosse de puxar briga. Hoje, com distanciamento, ri de como tudo parecia tão extremo naquele período de sua vida.

Durante o ensino médio, dividiu seu tempo entre a escola e o estágio. De acordo com ela, em sua criação seus pais fizeram questão de torná-la uma mulher independente. “Tive que ir para escola sozinha, com sete anos, meus pais tinham que trabalhar. Eu tive todos os caminhos, o rumo para ir para o errado, mas é questão de escolha”, considerou a enfermeira, ao referir-se a sua infância e adolescência em Santa Maria.

Ainda sobre a cidade, lembrou: “Eu já peguei várias fases aqui, na minha quadra. Antes, a cada dois, três dias, tinha uma situação difícil”. Um exemplo dessas fases difíceis, foi quando Priscila passou um susto, ao caminhar pela praçinha com um amigo, rumo à sua casa, e se deparar com um tiroteio, ainda no começo da noite. “Eu não vi quem estava atirando, eu só escutava os tiros e via o povo correndo. Depois que eu vi que parou, ‘Perna para quem te quero’. Eu fui correndo para casa”, lembrou.

Ao falar de um outro tempo, Priscila não pôde deixar de mencionar seus amigos que, diferentemente do estereótipo relacionados aos jovens da periferia, gostavam de ouvir música e jogar conversa fora, como quaisquer outros adolescentes, independentemente do CEP e classe social. Sobre este viés, ao referir-se a sua adolescência, Priscila assume um tom nostálgico.

Afinal, as histórias que viveu com seus amigos não estão registradas apenas em fotos, mas também nas quadras da cidade onde cresceu.

Há aproximadamente dois anos atrás, Priscila se formou em Enfermagem. Durante o seu curso trabalhou na gestão administrativa do mesmo hospital em que é hoje enfermeira. “Na faculdade, além de ser bolsista do Prouni⁶, eu trabalhava. Ao longo do curso aconteceram várias coisas: mudei de faculdade, fiquei desempregada, fiquei empregada, perdi meu pai. Tive que trancar um semestre porque entrei em depressão, depois que ele faleceu. Eu terminei em 5 anos e meio. É um curso de cinco anos. As adversidades foram várias, sabe. Muitas situações”, considerou a enfermeira, ao falar sobre a sua trajetória acadêmica e pessoal.

Acerca de sua experiência profissional, Priscila citou algumas situações alarmantes pelas quais passou no hospital em que trabalha. “Eu já fui ameaçada de morte no hospital, por um acompanhante de um paciente. Na época que eu trabalhava na gestão, eu tinha que ficar organizando UTI, centro cirúrgico, pronto socorro. Lá no hospital existe uns lugares que tem varandas gigantes de frente para um jardim. Todo paciente quer ficar naquele lugar, mas não tem lugar para todo mundo. Um dia eu fui colocar um paciente em um local onde ele não queria e o acompanhante desse paciente descobriu meu nome, ficou andando o hospital todo atrás de mim, de pessoas com o crachá de Priscila. Aí o segurança me disse ‘Priscila não anda de crachá, porque tem um acompanhante indo atrás de você, saiu daqui que dizendo que ia matar você. Eu trabalhava de forma interna. Lá abriu um protocolo interno do hospital e eu fiquei quase três anos sem poder andar de crachá”, concluiu.

Atuando como enfermeira, Priscila também foi alvo de ameaças: “Eu trabalho em um hospital particular, em uma área nobre. E lá alguns clientes acham que, por ter um poder aquisitivo maior, tem o direito de mandar e desmandar, tratar as pessoas como bem entender. Eu quase fui agredida numa salinha da enfermagem. Só não fui agredida, porque um outro paciente entrou na frente. Se não fosse isso, eu tinha levado vários socos na cara. O paciente entrou na minha sala com a mão fechada para poder me dar socos. Me chamou de vagabunda, que eu não sabia trabalhar direito. Foi bem chato. Se não fosse o pai dessa criança para entrar na frente, ele tinha me batido. Eu até saí mais cedo nesse dia. Ele ficou indo atrás de mim o tempo todo”.

⁶ Programa Universidade Para Todos - Prouni: oferece bolsas integrais e parciais em instituições de ensino superior.



Figura 14 — Priscila Jéssica ao lado de seus pais

“Eu não vivi as fases do luto. Então por eu não ter passado por isso, eu fui mascarando. Quando você perde uma pessoa que é uma de suas bases, você acaba sendo obrigada a ser forte. Para você se reerguer é muito complicado”, refletiu Priscila, sobre a perda de seu pai, Antônio.

“Alguns amigos não acreditam na depressão. Depois da licença, para cuidar da depressão, você retorna para suas atividades e as pessoas acabam sabendo que você tem ansiedade. Eles não entendem o porquê e você tem que explicar os motivos. Até mesmo porque as pessoas não têm muito filtro do que pensa e do que fala”, considerou Priscila sobre a necessidade de explicar-se constantemente para quem desconhece os sintomas da depressão e da ansiedade.

“Perder uma pessoa e lidar com outras pessoas que não entendem a sua perda é muito difícil. Daí acaba que o choque de realidade é bem grande, para quem está enfrentando essa depressão. Você não imagina que essas pessoas não vão te acolher, porque pensa que terá acolhimento de quem você gosta, ainda mais sendo da área da saúde. As pessoas deveriam saber

e entender o que é a depressão. Isso é muito doloroso, mas por um outro lado, por conta da rede de apoio, da família e de amigos, você consegue enfrentar isso”, comentou a enfermeira.

A esse respeito, Sampaio, Dantas e Alencar (2020), em seu artigo *A informação na desconstrução de preconceitos dos quadros depressivos* concluem:

A discussão sobre informação para a saúde mental, em âmbito global, requer atenção e urgência. Muitos que sofrem com tais transtornos, conseguem ser diagnosticados a tempo, todavia, o subdiagnóstico, ainda é uma realidade, na chamada “era da informação”. A banalização e o preconceito em relação aos transtornos mentais, estão fortemente presentes e em destaque nas mídias sociais, identificando pensamentos e comportamentos consequentes da desinformação ou incompetência informacional. (SAMPAIO; DANTAS; ALENCAR, 2020, p. 287).

“Eu acho que o mais difícil é reconhecer a depressão. Depois que você reconhece, que você procura ajuda, consegue se desenvolver melhor”, afirmou Priscila. “Eu fiz terapia, eu fiz tudo, mas foi muito difícil isso, porque eu não aceitava. Quando eu comecei o tratamento e a tomar medicações, engordei bastante. Meu pai faleceu em 2017 e eu continuei me tratando. Depois de quase um ano, fiquei sem tratar a depressão. Eu parei todos os tratamentos porque achei que estava bem, mas não estava”, concluiu.

Foram pessoas próximas à enfermeira que a incentivaram a procurar ajuda especializada. “Eu percebi que eu estava muito, muito ruim quando eu cheguei a dormir quase 48 horas seguidas. Eu não saía do quarto. Eu queria ficar no escuro, eu não conversava. Eu não queria ver gente. Eu tinha pavor de receber visita. É muito estranho, eu sou uma pessoa muito ativa e quando eu me vi nessa situação foi que eu percebi que tinha alguma coisa errada”, compartilhou Priscila.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS):

“A depressão é um transtorno comum em todo o mundo: estima-se que mais de 300 milhões de pessoas sofram com ele. A condição é diferente das flutuações usuais de humor e das respostas emocionais de curta duração aos desafios da vida cotidiana. Especialmente quando de longa duração e com intensidade moderada ou grave, a depressão pode se tornar uma crítica condição de saúde.” (OPAS, [s.d.]).



Figura 15 — Priscila quando criança

Dentre as perdas e os ganhos de uma vida inteira, Priscila falou de seu pai e dos momentos que viveu com ele, sorrindo. Do mesmo modo, ao contar sobre as bebedeiras e conversas com amigos, permitiu-se ver-se de novo. Curiosamente, mesmo transformando a si mesma diversas vezes, Priscila recordou-se prontamente, de forma nítida, da menina que foi e dos planos que traçou noites adentro, em nome do futuro e suas possibilidades.

10. CIDADE DE PERSPECTIVAS

De acordo com dados levantados pela Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio, disponibilizados pela Codeplan, o Gama, região administrativa do DF, conta com aproximadamente 137.331 habitantes. A cidade foi estabelecida II Região Administrativa do DF por meio da Lei nº 49, de outubro de 1989 e do Decreto 1.921/89, que fragmentou o DF em 12 Regiões Administrativas.

Segundo informações disponibilizadas pelo site da Administração Regional do Gama:

Com a transferência da Capital da República para o Planalto Central, tanto o ribeirão como as áreas que pertenciam à fazenda Gama ficaram dentro da área escolhida para sediar a nova capital do Brasil. Conforme o Censo Experimental de Brasília de 1959, residiam na futura área do Gama cerca de 1.000 pessoas, assim distribuídas: nos arredores da Fazenda Gama, 587; na Fazenda Ponte Alta, 259; e na Fazenda Ipê, 108 habitantes. Foram assentados, no local da futura cidade, 30 famílias retiradas da barragem do Lago Paranoá, devido à finalização da obra da barragem. Assim nascia o Gama (Administração Regional do Gama, [s.d.]).

Deixando de lado as apresentações formais. Como era de se esperar, o Gama carrega em si a urgência de ser e estar, característica dos primórdios de Brasília. Nesta cidade em questão, as horas se estendem, arrastando-se pelos becos, contendo em si a lucidez excessiva que já não liberta, e sim corrói.

Nesse cenário, para os que estão imersos em sua labuta diária, preenchendo horas inteiras em nome do pão de cada dia, o sol se exhibe, dizendo, sorrateiro, aos seus filhos, apressados e exaustos, que a vida é bem mais do que esse ir e vir periférico. Nos fins de semana, à noite, bem no limite desta cidade também desperta, em mesas de bares e restaurantes, busca-se um pouco de vida, de contato, diante da ausência marginal que faz, de alguns, cativos de suas próprias ambições.

De maneira habitual, em seu próprio ritmo, o cotidiano do Gama se movimenta quadro a quadro. Buzinas, sirenes e juras desperdiçadas. Sobre o solo desta região, o passado transborda de saudade, fazendo-se presente na moda retrô dos jovens, nas conversas dos mais velhos e até mesmo na dinâmica dos estabelecimentos que passam de pai para filho.

Neste universo quase fantástico, sob as luzes do poste, destoando da celeridade das falas, o poeta errante tropeça um pouco mais em seus versos. Suas rimas duras e até um pouco amargas, inesperadamente se findam, à espera de um outro dia, de um outro caminho, para reformular-se.

Apesar da movimentação característica de uma cidade em desenvolvimento, em certas quadras, o Gama ainda é calmaria. Diante das distrações banais do cotidiano é fácil perder a

noção de tempo e até mesmo de espaço nessa cidade de perspectivas. É como se cada filho construísse um enredo próprio a seu respeito. Nesse sentido, a cidade emana mistério e até um pouco do sagrado em suas extensas quadras. Gama é um labirinto para quem está só de passagem. Entretanto, com o devido tempo, revela-se de todo para aqueles que estão dispostos a entender suas singularidades.

11. RUTE

Algumas lembranças, sejam elas boas ou más, nos tomam para si e nos envolvem de tal maneira que já não cogitamos esquecê-las, fazem parte de nós. À vista disso, só nos resta pensar que durante o percurso de uma vida inteira, parte das experiências acumuladas simplesmente não foram vividas para serem colocadas de lado, mas sim passadas adiante.

À vista disso, ao referir-se a cultura de seu povo e a tradição presente em suas narrativas, Ailton Krenak considera:

“Esse fundamento da tradição, assim como o tempo de contato, não é um mandamento ou uma lei que a gente segue, nos reportando ao passado, ele é vivo como é viva a cultura, ele é vivo como é dinâmica e viva qualquer sociedade humana. É isso que nos dá a possibilidade de sermos contemporâneos, uns dos outros [...]” (KRENAK, 1999, p.26).

Sob o azul intimidante desse céu à margem, sentada no sofá de casa, pela manhã, Rute de Deus lembrou do dia em que embarcou sozinha em um ônibus, rumo a São Paulo, lugar onde passaria décadas de sua vida. Filha de pai baiano e mãe goiana, Rute foi criada no entorno de Brasília e do seu “famigerado” e seletor progresso, talvez daí tenha surgido a pressa de construir-se novamente, só que dessa vez em uma cidade maior.

Filha de Helena e José de Deus, Rute cresceu no Gama, cidade satélite de Brasília, com seus irmãos. Ao contar sobre como era a casa que vivia com sua família, Rute é detalhista: “O barraco era rústico, feito de boas tábuas. Era espaçoso. Tinha três quartos, uma cozinha e sala grande, era arejado e iluminado com janelas. Nos fundos tinha um banheiro e um fogão a lenha. A parte dos fundos era cercada com uma tela e o restante do lote era cercado com arame farpado. Esse arame também servia para fazer varal para estender roupas”, lembrou, minuciosa como sempre.

Rute saiu de Brasília em busca de oportunidades e de melhores condições de vida, com vinte e poucos anos, trilhando o percurso inverso de tantas outras mulheres, que há tempos atrás também buscaram por dias melhores, rumo a prosperidade que a cidade alicerçada em sonhos, Brasília, prometia.

Nesta perspectiva, Carolina Maria de Jesus, salvo diferenças contextuais, definiu, de maneira significativa, a perspectiva de quem reside longe do centro, embora também trabalhe nele: “[...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (de JESUS, 1960, p. 33).

Ao relembrar de si mesma décadas atrás, Rute se dispôs a organizar suas memórias acumuladas, ao longo do tempo, como um quebra cabeça. “Foi meu pai quem me deu o meu primeiro livro de presente. Era *Meu pé de laranja lima*. Depois eu li *Escrava Isaura*, *Menino do Engenho*, gibis, revistas. Peguei o hábito da leitura desde a infância, talvez porque não tinha televisão em casa. Mas era bom porque eu entrava num mundo maravilhoso de leitura e viajava, conhecia ruas, cidades, estados, países em que eu nunca estive fisicamente, mas estive lá através dos livros”, compartilhou pensativa.

Em sua adolescência Rute gostava de Abba, grupo de música pop famoso, à época, que sempre tocava nas festinhas que frequentava com seus amigos. Sem TV em casa, assistia, quando possível, na casa de seus amigos, novelas estreladas por Toni Ramos e Francisco Cuoco.

A casa de minha tia Rute é cheia de fotografias, se não dessa época, de outras igualmente importantes. Fotos de família permanentemente fixadas em quadros. Na estante, ao lado das fotos antigas, a modernidade também se impõe, representadas pelo modem e a TV. Todavia, em sua cozinha, repleta de azulejos, não há espaço para cafeteira, Rute prefere fazer café como seus pais costumavam, utilizando o coador de pano.

Rute formou-se em Pedagogia depois dos quarenta. Na faculdade reencontrou amigos, estabeleceu novos vínculos, estudou e o mais importante, pôde compreender também, muito sobre si mesma. Após a perda de seu pai, passou a viver com a sua irmã mais nova, no Gama, na casa onde cresceu.



Figura 16 — Rute de Deus, quando criança

“O quintal era cheio de plantas, flores, árvores frutíferas, abacate, manga, amora, mexerica, goiaba, mandioca, batata. Minha mãe tinha uma horta que ajudava na nossa alimentação. No lote, meu pai fez um balanço e uma gangorra, ele trazia areia do rio. Meu pai gostava de fabricar brinquedos de madeira. Ele até fez uma caminha e uma prateleira para mim”, relembrou Rute. Hoje, as plantas que tomavam o quintal, já não o fazem. De verde mesmo, somente o terreno baldio ao lado de sua casa, cuidado por ela mesma, que se orgulha das plantas e flores que trata com zelo, assim como sua mãe, Helena, antes dela.



Figura 17 — Rute de Deus

Devagar, porque é sábado, e neste dia demora-se mesmo para pegar o embalo das lembranças. Em seu próprio tempo, Rute tenta se recordar da época em que ela e seus irmãos eram só crianças, prontos para desbravar o mundo que, até aquele ponto, parecia grande demais para seus planos.

José, pai de Rute, trabalhava como ajudante de pedreiro, foi trabalhador braçal na construção de Brasília, e sua mãe complementava a renda lavando roupa para fora. Ambos não chegaram a concluir o primário. Ao lembrar de como a educação esteve presente em sua casa, Rute reitera como a sua mãe a ensinou a ler e fez o mesmo com algumas crianças da vizinhança. A facilidade de Rute, em contar histórias, parece ter sido herdada de sua mãe, Helena.

“Minha mãe gostava de contar estórias a noite. Ela era muito boa contadora de estórias ela dividia as estórias em capítulos. E todo dia ela fazia um resumo do dia anterior e começava o capítulo seguinte. Ela descrevia o ambiente, as roupas dos personagens e imitava muitas vezes as vozes dos personagens. Ela tinha muito talento, era muito bom ouvir ela contando estórias”, lembrou Rute.

Vinis, jaquetas de couro, jeans azul. Em sua fala, Rute evidencia que os jovens periféricos nunca foram alheios ao que acontece no centro. Todavia, por circunstâncias políticas, sociais e econômicas, historicamente foram e continuam a ser puxados para a margem. Na vida adulta, a história se repete, são bem-vindos para trabalhar em Brasília. Não obstante, após o expediente voltam para as suas casas, situadas em cidades periféricas. Acerca desse

assunto, Rute é sucinta: “Não acho a periferia ruim. Periferia é um lugar longe do centro, mas faz parte do centro porque quem mora nela pega ônibus todo dia para trabalhar”.

Dayrel (2003), em seu artigo *O jovem como sujeito social*, define juventude da seguinte forma:

[...] nos deparamos no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, o que ainda não chegou a ser (SALEM, 1986), negando o presente vivido. Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro. (DAYREL, p.155, 2003).

Esta projeção do jovem, em um futuro distante, atinge diversas classes sociais, é inegável, porém, em âmbito periférico, é como se mesmo após a adolescência, este fosse encarado, ainda, como um ponto de interrogação, um eterno porvir. Este olhar não necessariamente vem de dentro da periferia, mas parece se estabelecer a partir do contato superficial do “outro”.

Esse “outro”, em boa parte dos casos, desconhece a dinâmica periférica e tende a apoiar seu julgamento em estatísticas e no senso comum que, quando perpetrado por alguns meios de comunicação de massa, espetaculariza e banaliza a vida e os objetivos dos jovens que residem em cidades à margem dos grandes centros urbanos.

A esse respeito, de Paula (2011) em *Jornalismo Popular e Representações Sociais: sensacionalismo, espetacularização e estereotipagem* enfatiza:

É importante salientar que o uso de elementos sensacionalistas não se restringe a produções assumidamente populares. Com o olhar mais apurado, percebemos que jornais e revistas tradicionais, os chamados quality papers, também apresentam matérias de cunho sensacionalista (de PAULA, 2011, p. 4).

Desta forma, ainda sobre essa estereotipação, Freire Filho (2004), em *Mídia, estereótipo e formação das minorias*, reflete: “Como ratifica Woodward (2000: 17-18), é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência, àquilo que somos e àquilo que podemos nos tornar:” (FREIRE FILHO, 2004, p.45). Desta forma, Woodward (2000: 17-18), segundo Freire Filho (2004) considera:

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a

construir certas identidades de gênero. Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o “novo homem” das décadas de 1980 e de 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso.(WOODWARD, 2000 apud FREIRE FILHO, 2004).

Salvo felizes exceções, alguns programas jornalísticos continuam a retratar o jovem periférico de forma deturpada. Os anseios, sonhos e realizações dos mesmos, sob a perspectiva que anula suas lutas e conquistas, são colocados à parte. Omite-se estes jovens, a fim de espetacularizar fatos que, se distorcidos, acabam por formar uma falsa ideia de “cotidiano” periférico, uma caricatura de pessoas reais, com histórias legítimas e sinceras.

Em sua juventude, Rute tinha em si a necessidade de viver tudo o que queria, o mais breve possível, característica dos jovens. Viveu sozinha por décadas em São Paulo e por lá fez muitos amigos. Amigos esses que, à sua maneira, também foram sua família. Desse modo, a fim de ganhar a vida na cidade grande, Rute trabalhou em fábricas de zíper, brinquedos, bolsas e panetone.

Ao falar sobre si, minha tia, assim como Ana Lúcia, custou a acreditar na importância de suas lembranças. Entretanto, enquanto narrava as suas aventuras em São Paulo, pouco a pouco compreendeu a relevância do que dizia. Afinal, mescladas às histórias que compartilhou, estão conectados aspectos políticos, sociais e culturais, bem como o modo de pensar característico de sua geração.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana Lúcia, Rute de Deus e Priscila Assunção compartilharam conosco as suas histórias, fomentando a reflexão acerca da mulher negra periférica. As suas narrativas breves, porém, complexas se desvencilham da visão estereotipada e superficial da mulher negra periférica.

As vivências de Ana Lúcia, Priscila e Rute não se definem a problemas e situações de risco. Suas histórias nos possibilitam enxergar, mesmo que de forma ainda restrita, o cotidiano a partir da margem. Dentre as observações acerca de suas narrativas, percebe-se a tendência dessas mulheres Rute, Priscila e Ana Lúcia de continuar com seus estudos, tendo em vista empregos bem remunerados, satisfação pessoal e também a adequação a rotina com filhos, pais etc.

As três apostam no autoconhecimento para desprender-se das amarras vinculadas ao machismo, racismo, preconceito etc. Ao olhar para si mesmas percebem que o caminho para encontrar a sua própria voz não necessariamente é reto, constante, sem paradas e tropeços, como apontam alguns.

Nesse sentido, o presente trabalho não busca colocar um ponto final acerca do cotidiano da mulher negra periférica, mas sim, fomentar a sua discussão. Apresentar a história dessas três mulheres é um começo, porém, faz-se necessário mais pesquisas, com mais mulheres a serem retratadas, a fim de oferecer uma perspectiva mais ampla sobre o seu cotidiano.

O número e tempo de entrevista, em pesquisas futuras, deve ser ampliado, a fim de melhor compreender o dia a dia dessas mulheres, bem como permitir que estas sintam-se confortáveis para compartilhar suas experiências. É de suma importância mais diversidade, dentro do perfil de mulheres negras que vivem na periferia.

A entrevista semi-estruturada revelou-se eficaz, ao “quebrar o gelo”, tanto no que diz respeito a entrevistada, quanto a própria entrevistadora. Registrar as entrevistas, em áudio, obteve melhor aceitação das entrevistadas. Ainda sobre o estudo, faz-se interessante e também é de interesse, estender o tema para outras regiões periféricas de Brasília, contando com um número maior e mais diverso de mulheres e contextos.

BIBLIOGRAFIA

Administração Regional do Gama. **Conheça a RA**. Disponível em:

<https://www.gama.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em: 21 de ago. de 2022.

ALVES, Lara Moreira. **A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade**. I Encontro de História da Arte - IFCH/ Unicamp, 2005. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/download/3586/3465>.

Acesso em: 31 de jul. de 2022.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **No meio do caminho**. Cultura Genial. Disponível em:

<https://www.culturagenial.com/poema-no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade/>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

ANGELOU, Maya. **Mulher fenomenal**. Tradução: Rita Cammarota. Portal *nerdizmo*.

Disponibilizado em: <https://nerdizmo.uai.com.br/90-anos-de-maya-angelou-em-7-poemas/>.

Acesso em: 08 de ago. de 2022.

ANGELOU, Maya. **Ainda assim eu me levanto**. *Portal Geledés*, 2018 [1978]. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

Brasília, uma epopéia de 130 anos. Arquivo Público do DF. Disponibilizado em:

<https://www.arquivopublico.df.gov.br/exposicoesvirtuais61/>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

Brasília Metropolitana. Codeplan DF. Disponível em:

<http://brasiliametropolitana.codeplan.df.gov.br/#/santa-maria/pessoas>. Acesso em: 09 de ago. de 2022

Codeplan. **Estudo - Retratos sociais DF 2018, o perfil sociodemográfico da população**

negra do Distrito Federal, 2020. Disponível em: [https://www.codeplan.df.gov.br/wp-](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/2020.05.06.Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-jovem-do-Distrito-Federal.pdf)

[content/uploads/2020/08/2020.05.06.Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Perfil-da-](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/2020.05.06.Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-jovem-do-Distrito-Federal.pdf)

[popula%C3%A7%C3%A3o-jovem-do-Distrito-Federal.pdf](https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/2020.05.06.Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-jovem-do-Distrito-Federal.pdf)

CHISALA, Upile. **Eu destilo melanina e mel.** São Paulo, LeYa, 2020, p. 23.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social.** In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Fontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reis. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade.* Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. Cap. 3, p. 156.

Disponível em: [4 - 03.05 DAYRELL -](#)

[_REGUILLO.SUJEITOSOCIAL CULTURASJUVENIS20190515-74263-hl9o3s-with-cover-page-v2.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#) . Acesso em: 02 de ago. de 2022.

DERNTL, Maria Fernanda. **Além do Plano: a construção das cidades-satélites e a dinâmica centro-periferia em Brasília.** XIV Seminário de história da cidade e do urbanismo, 2016. Disponível em:

https://www.academia.edu/28681950/AL%C3%89M_DO_PLANO_A_CONSTRU%C3%87%C3%83O_DAS_C%C4%B0DADES_SAT%C3%89L%C4%B0TES_E_A_D%C4%B0N%C3%82M%C4%B0CA_CENTRO_PER%C4%B0FER%C4%B0A_EM_BRAS%C3%8DL%C4%B0A_EIXO_TEM%C3%81TICO_3_CULTURA_T%C3%89CN%C4%B0CA_FORMA_E_MATER%C4%B0AL%C4%B0DADE_DA_C%C4%B0DADE

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; PENNA, Nelba de Azevedo. **Violência Urbana: a vulnerabilidade dos jovens das periferias das cidades.** XVI Encontro de Estudos Populacionais. Caxambu-MG, 2008. Disponível em:

<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1805/1764> . Acesso em: 15 de dez. de 2020.

FONTES, Leonardo. **Pandemia, crises e periferias.** Le monde Diplomatique Brasil, julho de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/pandemia-crise-e-periferias/> . Acesso em: 07 de jul. de 2022.

FILHO, João Freire. **Mídia, Estereótipo e Representação das minorias.** ECO-PÓS - v.7, n.2, 2004. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120 . Acesso em: 02 de ago. de 2022.

GUSMÃO, Ramon Lamoso de. **História do cotidiano de Brasília: “experiência” e resistência dos candangos na construção da nova capital (1959-1961)**. Revista Mosaico, volume 10, nº16, 2019. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7030366>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 07 de ago. de 2022.

[s.a.]. Principais jornais exaltavam a construção de Brasília. History Channel Brasil, 2018.

Disponível em: <https://history.uol.com.br/historia-geral/principais-jornais-exaltavam-inauguracao-de-brasilia> . Acesso em: 08 de ago. de 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Edição Popular. Disponível em:

<https://educaemcasa.petropolis.rj.gov.br/uploads/bibliotecas/1602770821-carolina-maria-de-jesus-quarto-de-despejo-pdf.pdf> . Acesso em: 02 de ago. de 2022.

KRENAK, Ailton. **O eterno retorno do encontro**. In: NOVAES, Adauto. (org.). A outra margem do ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Nos primeiros começos de Brasília**. Portal da crônica brasileira,

1970. Disponível em: [https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5890/nos-primeiros-comecos-](https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5890/nos-primeiros-comecos-de-)

[brasilia#:~:text=Nos%20primeiros%20come%C3%A7os%20de%20Bras%C3%ADlia%20Bras%C3%ADlia%20%C3%A9%20constru%C3%ADda,devia%20ter%20sido%20o%20mundo%20quando%20foi%20criado.](https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5890/nos-primeiros-comecos-de-brasilia#:~:text=Nos%20primeiros%20come%C3%A7os%20de%20Bras%C3%ADlia%20Bras%C3%ADlia%20%C3%A9%20constru%C3%ADda,devia%20ter%20sido%20o%20mundo%20quando%20foi%20criado.) Acesso em: 21 de junho de 2022.

MIELKE, Ana Claudia. **Negros e mídia: invisibilidade**. Le Monde diplomatique Brasil.

Edição 114. 27 de mar. de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/negros-e-midia-invisibilidades/> . Acesso em: 17 de dez. de 2020.

MORAES, Danielle Rodrigues de; VERGINACI, Débora; ANJOS, Marcelo França dos.

Construção de Brasília: a identidade de uma nação. 14º Encontro científico cultural Interinstitucional, 2016. Disponível em:

<https://www.fag.edu.br/upload/ecci/anais/5b8d8220e02fb.pdf#:~:text=Conclui->

[se%20esta%20com%20a%20respectiva%20resposta%20de%20que,na%C3%A7%C3%A3o%20%C2%0atrelada%20ao%20poder%20pol%C3%ADtico%20econ%C3%B4mico%20e%20social](#). Acesso em: 08 de ago. de 2022.

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). **Depressão**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao> . Acesso em: 03 de ago. de 2022.

PAULA, Francislene Pereira de. **Jornalismo Popular e Representações Sociais: sensacionalismo, espetacularização e estereotipagem**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0749-1.pdf> . Acesso em: 02 de ago. de 2022.

QUARTI, Márcia; CORREIA, Maria Letícia. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDO. Acesso em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roriz-joaquim>

RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília**. Brasília-DF, 1990. Disponível em: [file:///C:/Users/pc/Downloads/1990_GeorgeteMedleyRodrigues%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/1990_GeorgeteMedleyRodrigues%20(2).pdf) . Acesso em: 16 de dez. de 2020.

SAMPAIO, Débora Adriano; DANTAS, Esdras Renan Farias; ALENCAR, Vitória Régia Araújo. **A informação na desconstrução de preconceitos dos quadros depressivos**. Revistas Fontes Documentais, v. 03, Edição especial Medinfor vinte e vinte. Disponível em: <https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/fontesdocumentais/article/view/648/521>. Acesso em: 03 de ago. de 2022.

WILHEIM, Jorge. **Brasília 1960 - Uma interpretação**. In: **Brasília**. Edição Acrópole, 1960, ano 22, nº 256. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/256>. Acesso em: 8 de ago. de 2022.

VELOSO, Caetano. **Sampa**. letras. Disponibilizado em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/41670/>. Acesso em: 08 de ago. de 2022.

SILVA, Edilane Ferreira da; SANTOS, Andrea Cristiana. **Entre o Real e o Ficcional: a Construção da Personagem Olga de Fernando Morais**. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Recife-PE, 2012.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico**. Estudos em Jornalismo e Mídia, volume 7, número 2, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/pc/Downloads/15019-Texto%20do%20Artigo-49056-1-10-20101028%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/15019-Texto%20do%20Artigo-49056-1-10-20101028%20(1).pdf). Acesso em: 16 de dez. de 2020.